

# EPISTEMOLOGIA

RONIE ALEXSANDRO TELES DA SILVEIRA

I. A epistemologia. II. A adequação das representações. III. A sensação. IV. A imaginação. V. A razão. VI. O problema da inadequação. VII. O realismo. VIII. O nominalismo. IX. A vertente lingüística. X. O futuro. XI. Referências bibliográficas.

## A EPISTEMOLOGIA

A epistemologia é compreendida como uma tentativa de explicar como nós conhecemos as coisas. Está implicado nessa tentativa como podemos obter um conhecimento seguro e, se for possível, verdadeiro. Nesse sentido, a epistemologia envolve indiretamente também a definição de que tipo de coisas nós podemos conhecer. Não é somente o conhecimento que está em jogo em uma discussão epistemológica, mas também tudo aquilo que pode ser o objeto desse conhecimento. Trata-se, então, de saber *o quê* e *como* nós podemos conhecer.

## A ADEQUAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES

Uma das distinções mais gerais que podemos fazer em termos de análise do conhecimento humano é aquela que separa nossas representações das próprias coisas. Temos noções em nossa mente que são muito diferentes dos seres reais que existem. Sabemos que a entidade mental "elefante" não é a mesma que aquela coisa real

chamada “elefante”. Uma evidência disso é nossa incapacidade de colocar a própria coisa em nossa mente. Sendo incapazes disso, utilizamo-nos, então, de uma representação. Para uma certa perspectiva, esse nome é muito apropriado na medida em que a função dessa entidade mental é estar no lugar do elefante real. De fato, assim como nos sistemas políticos representativos, toda representação envolve a noção de “estar no lugar de” e, portanto, de algo que é representado e de algo que é seu representante. Dessa forma, ainda que a entidade mental “elefante” não exista do mesmo modo que o elefante, isso não impede que, em geral, tenhamos confiança de que ela funcione bem como representante dele. Para essa perspectiva inicial de ver a questão, essa representação é o único modo pelo qual um elefante poderia existir em nossa mente.

Mas poderia ocorrer que nós tivéssemos dúvidas sobre a adequação da representação “elefante” com relação ao elefante mesmo. Poderíamos nos questionar, por exemplo, se ela não tem menos realidade que o elefante. Se começássemos a pensar assim, teríamos de reconhecer que nosso conhecimento não faz justiça ao mundo. A estória dos três cegos que tocam partes distintas de um elefante e o descrevem de três maneiras diferentes e incompletas não é uma parábola somente de como não percebemos as coisas em todas as nuances de sua existência. Ela também é uma parábola de como nossas representações podem ser inadequadas. Certamente podemos entendê-la como uma dúvida sobre o quanto as entidades mentais podem deixar a desejar como boas representações das coisas reais.

Mas o que uma representação deveria possuir para ser considerada uma boa representante mental de um ser não mental? Ou de que maneira nós deveríamos proceder para obter boas representações e assegurar a adequação entre representantes e representados? Essas são perguntas fundamentais da epistemologia, pois é uma questão importante para o conhecimento saber se ele está sendo construído a partir de uma base de representações confiáveis

ou adequadas. Isso porque no conhecimento estamos sempre lidando com representações e não com as próprias coisas, estamos tratando com entidades mentais e não com entidades reais. Para esse ponto de vista, nossas representações têm de ser adequadas se queremos garantir que o conhecimento seja fiel ao mundo. Caso não ocorra essa adequação, dizer que nosso conhecimento é sobre o mundo parece algo completamente fora de propósito.

Há, entretanto, uma séria dificuldade com relação à possibilidade de nos assegurarmos de que nossas representações sejam adequadas. Essa dificuldade ficará mais evidente após uma análise de algumas características de três de nossas capacidades: a sensação, a imaginação e a razão. Vamos nos deter, então, nessa análise e verificar como elas funcionam com o objetivo de adquirir uma melhor compreensão da dificuldade presente na adequação epistemológica entre representantes e representados.

#### A SENSÇÃO

A sensação é a responsável por estabelecer contato com aquilo que existe. E tudo o que existe está determinado por um lugar e um instante. Isto é, tudo que existe está em algum lugar do espaço e ocupa um certo instante do tempo. Dizemos que tudo o que existe é particular pois é sempre *um certo* lugar e *um certo* instante que estão sendo ocupados.

Por questões de simplicidade, estamos desconsiderando nessa exposição qualquer significação diferente de "existência". Assim, deixamos deliberadamente de lado a questão de saber, por exemplo, se a realidade virtual não é um outro tipo de existência diferente desta (espacial e temporal) a que estamos nos referindo.

Quando afirmamos que "tudo o que existe é particular" também estamos dizendo que não há nenhuma coisa real que seja igual a qualquer outra coisa. Imagine que estamos em melhores condições que os três cegos da estória e que percebemos dois elefantes que

parecem idênticos em todos os detalhes. Ora, não poderemos dizer que eles são iguais pois um encontra-se em um lugar do espaço e o outro encontra-se em outro. Então, mesmo se eles forem gêmeos idênticos em todos os detalhes, ainda assim serão dois seres. Eles só seriam idênticos se fossem um só, mas então não poderíamos percebê-los como dois elefantes. Cada folha de grama de um gramado é um ser particular. Por mais que nos ocupássemos em procurar encontrar duas delas que fossem iguais, não obteríamos sucesso. Cada ser existente é único.

Então a sensação nos oferece um mundo de particularidades. Tudo aquilo que nós podemos ver, tocar, sentir o sabor, o odor e ouvir são informações ligadas a um aqui e a um agora. Isso pode parecer estranho em algumas circunstâncias de nossa vida em que acreditamos ter experimentado uma mesma sensação por mais de uma vez. Por exemplo, suponha que você está ouvindo uma música de que gostou muito pela quinta vez. Parece que você está tendo a mesma sensação repetidas vezes. Isto é, parece que você está recebendo as mesmíssimas informações sensíveis por mais de uma vez e, excetuando-se a primeira, todas as outras são apenas uma repetição dela.

Porém, a idéia de que tudo que a sensação é capaz de nos oferecer é particular envolve reconhecer também que não houve nenhuma repetição nesse caso. A experiência sensorial acústica da primeira audição é diferente da segunda pelo menos com relação ao instante do tempo em que ocorreu. E isso é suficiente para tornar uma experiência sensorial diferente de uma outra, mesmo que elas sejam muito semelhantes. Enfim, não há nenhuma repetição no plano da sensação. Todas as informações que ela nos oferece são frescas e originais. Na verdade, nós nunca vemos as mesmas coisas que nos são tão familiares – como nossa casa, para a qual acreditamos voltar todos os dias. Qualquer um que leve a sério as implicações contidas na noção de tempo poderá chegar a conclusões semelhantes.

Se não reconhecemos esse caráter sempre inovador da sensação é porque nos habituamos a supor que há identidades onde, de fato, só existem diferenças. Mas se pensamos com cuidado nas características da sensação, somos obrigados a reconhecer o caráter particular de todas as informações sensoriais e a diversidade quase infinita que ela nos oferece.

### A IMAGINAÇÃO

Quando imaginamos algo, preservamos essa mesma particularidade das informações que a sensação nos oferece. Vamos imaginar um Minotauro, um animal mitológico que é meio homem e meio touro. Por mais estranho que seja a combinação de elementos humanos e taurinos que possamos fazer, ela sempre consistirá em um certo arranjo de informações particulares. Podemos imaginar um ser com uma pata de touro e uma perna de homem. Mesmo assim, em nossa mente se forma algo como uma figura com tais e tais traços definidos, com um tamanho determinado etc. Tudo isso indica que o modo particular de representar é uma condição das operações da imaginação. Quando imaginamos nos afiguramos um ser, isto é, determinamos em nossa mente como ele é no sentido de estabelecer que particularidades sensíveis o constituem.

Não é necessário imaginar seres que sabemos que não existem, como o Minotauro. Podemos imaginar um homem do qual não obtivemos informações sensíveis, isto é, um que nunca tenhamos experimentado. Ele pode ser imaginado como um homem alto, careca, gordo, vesgo, e pode falar com um certo tique nervoso, vestir-se de maneira peculiar ou ter qualquer outra característica. Todas elas são informações particulares e é isso que caracteriza a imaginação. Talvez um homem assim não exista mas isso não é implausível como no caso do Minotauro, embora ambos sejam igualmente imaginários.

A imaginação é caracterizada pela particularidade justamente porque ela obtém suas informações básicas da sensação. O "alto",

o “vesgo” ou a “pata taurina” que nós utilizamos para compor nossos seres imaginários são originários da sensação ainda que aquele homem, na íntegra, não tenha sido percebido. Esses componentes são informações sensoriais dispostas por nossa mente em uma combinação igual ou diferente daquela em que apareceram na sensação. Posso ou não me lembrar de ter visto um homem alto, gordo e vesgo. De qualquer forma, quando o represento em minha imaginação, faço-o com base nesses dados sensíveis. Ao imaginá-lo, posso até acrescentar uma pata taurina a ele para ficar claro que se trata mesmo de uma espécie de recombinação de elementos particulares oriundos da sensação. Toda imagem é, assim, uma representação particular formada com base nos dados sensíveis fornecidos pela sensação.

A imaginação funciona, então, como um jogo de lego: as peças nos são dadas pela sensação e nós montamos os seres que desejamos de acordo com um certo grau de liberdade. Essa liberdade é relativa na medida em que não podemos lançar mão de uma peça que não tenha sido antes colocada à nossa disposição por meio da sensação. A imaginação pode montar quantos seres imaginários alguém desejar, porém sempre com base no repertório de dados sensíveis disponíveis. Se você quer construir seres muito exóticos, vai ter de obter algumas peças de que ainda não dispõe ou isso simplesmente não será possível.

Essa é, aliás, uma diferença da imaginação com relação à sensação. Nessa nós lidamos com *dados* sensíveis. E eles são *dados* porque nos são oferecidos assim como são. Na imaginação, pelo contrário, os dados são a base para aquilo que podemos construir. Os seres imaginários são, portanto, imagens *construídas*. Apesar dessa diferença entre o que é dado na sensação e construído na imaginação, ambas as faculdades dividem uma mesma característica: a particularidade de seus respectivos objetos – os dados sensíveis e as imagens.

## A RAZÃO

Na vida cotidiana, usamos os termos “imaginar” e “pensar” em um sentido muito semelhante. Porém, há uma diferença entre essas duas atividades. Já vimos que quando imaginamos algo o fazemos sob a forma da particularidade. Porém, quando pensamos o fazemos sob a forma da universalidade. Assim, quando pensamos em “homem” não está em questão se ele é baixo, gordo, vesgo ou se tem uma pata taurina. O conteúdo dessa representação é genérico, isto é, por meio dela referimo-nos a todos os homens. Esse homem é o sujeito da frase “O homem é um bípede sem penas”. Não se trata deste ou daquele ser em particular. “Homem” é, portanto, um conceito ou uma representação universal – diferentemente daquela representação presente na imaginação e também dos dados sensíveis.

Nesse sentido, as operações da razão se caracterizam pela classificação. Quando pensamos em “homem”, criamos uma classe com todos os elementos da realidade que possuem algumas características em comum. Na prática, portanto, estamos separando os seres em categorias. Isso permitirá tratá-los em conjunto ressaltando o aspecto que os identifica. Crio, por exemplo, duas categorias: a de “homem” e a de “elefante”. Posso verificar, então, se há relações que possam ser estabelecidas entre esses dois conjuntos de elementos. Nesse caso, descubro que posso dizer que “o homem não é um elefante”. E isso é uma maneira de relacionar todos os homens a todos os elefantes. Se eu não houvesse separado as categorias “homem” e “elefante” de todas as demais coisas existentes, jamais poderia estabelecer relações de classes entre elas. O que é próprio da razão é essa perspectiva de classe.

Pensar em “homem” é, dessa forma, muito diferente de imaginar um “homem”. A diferença é que ao pensá-lo fazemos referência à classe de todos os homens e quando o imaginamos designamos, na verdade, “um homem” apenas.

## O PROBLEMA DA INADEQUAÇÃO

A rápida caracterização dessas três faculdades humanas permite, então, compreender um dos grandes problemas da epistemologia. O problema é o seguinte: se tudo o que existe é particular, como podemos pensar em termos universais? O que temos que explicar é como é possível que o conhecimento e todo o pensamento utilizem-se de representações universais para fazer referência a um mundo de seres particulares.

Há aqui um fosso enorme entre o modo de existência das coisas que captamos pela sensação e os instrumentos que utilizamos para conhecê-las: as representações. Será que nossas ferramentas não são inapropriadas para conhecer esse mundo? Parece que sim, pois o mundo das representações universais é absolutamente diferente de tudo aquilo que obtemos diretamente por meio dos sentidos – por meio da evidência empírica. O que a razão nos diz por meio dos conceitos, ainda que pareça muito coerente e até belo, não seria afinal algo completamente desarrazoado – na medida em que nada nos diria sobre a existência? O problema é muito sério pois nos conduz a suspeitar que possamos conhecer por meio de representações universais, isto é, por meio da razão.

Há algumas respostas para esse problema. Vamos apresentar três tipos diferentes de respostas ainda que existam muitas outras na História da Filosofia. As três correntes que enfrentam esse problema e que apresentaremos são o realismo, o nominalismo e a vertente lingüística.

## O REALISMO

Para o realismo, a resolução do problema da adequação das representações passa por reconhecermos que, na verdade, a universalidade não é uma característica apenas das entidades mentais. Ainda que a sensação nos forneça informações particulares, ela também é responsável por nos proporcionar acesso ao universal

que já está nas próprias coisas. O que o realismo está dizendo, portanto, é que a universalidade não é uma criação da mente humana e sim algo que ela capta da existência.

Isso significa que para o realismo a apresentação da sensação que fizemos para caracterizar o problema não é correta. Pois, nessa perspectiva, ela também é responsável por revelar a universalidade que subjaz no mundo empírico – além de fornecer os dados sensíveis. Nesse caso, a sensação adquire uma dupla função: ela é responsável por nos fornecer o particular e também o universal.

Mas se a sensação nos fornece o particular e o universal, isso significa que é a própria noção de realidade que está sendo alterada pelo realismo se consideramos a exposição anterior (item III). Isso na medida em que se trata de afirmar que a realidade é constituída de dois elementos: o particular dos dados sensíveis e o universal das representações. Esse universal que se encontra nas coisas não é, entretanto, objeto imediato de uma percepção sensível. Isto é, o universal que se encontra nas coisas não é do mesmo tipo que uma cor, um odor ou uma sensação tátil. Ele é de natureza não sensível ainda que a sensação seja responsável por fazê-lo chegar à razão. A função da sensação é somente a de servir de condutor para que o universal chegue à razão e não propriamente o de captá-lo.

A estratégia realista de resolver aquele problema da diferença entre nossas representações e a existência é, portanto, o de remeter a diferença para dentro das coisas. Toda a dificuldade em articular a universalidade com a particularidade se deve a que esses elementos são constituintes da própria realidade. Não seria correto afirmar, então, que o aspecto da universalidade que constitui parte do problema da inadequação seja acrescentado pelo modo como nossa razão opera já que ele pode ser encontrado no cerne mesmo das coisas. Com isso, se esclarece nossa afirmação inicial de que a epistemologia também está envolvida com a definição daquilo que se pode conhecer, isto é, com a definição do que existe.

